

## APROXIMAÇÕES À BIOPOLÍTICA

Depois da pequena série de conferências introdutórias *O que é a biopolítica?*, em que se procura abordar as zonas problemáticas de maior visibilidade da biopolítica, sugerimos um conjunto mais diversificado e especializado de aproximações a este fenómeno da contemporaneidade. Assim, três programas de breves conferências procuram discernir aspectos teóricos, concretos e de ordem estética relevantes para a sua compreensão. O paradigma securitário será posto em causa numa conferência e uma mesa-redonda analisará a visibilidade pública da biopolítica. Estas *Aproximações à biopolítica* concluir-se-ão com uma conferência por um dos seus mais importantes pensadores internacionais, o filósofo italiano Roberto Esposito.

SEXTA 14 · 10H00 · SALA 2

### PROGRAMA ESPECTROS DA VIDA NUA

As conferências têm a duração de 20 minutos cada, com intervalo de 10 minutos entre a terceira e a quarta conferência, havendo um pequeno debate no final.

**O medo da morte e a conservação da vida** por António Bento (Instituto de Filosofia Prática / Universidade da Beira Interior)

Sabe-se como é de uma determinada articulação entre o *medo* da morte violenta (a paixão mais *poderosa*) e o *direito* à conservação da vida (o direito mais *sagrado*) que Thomas Hobbes deduz o seu *Leviathan*. Sabe-se também como uma boa parte – a grande parte – da tradição da filosofia política moderna provém da *racionalização* deste «medo» e da *naturalização* deste «direito». A um medo «natural» racionalizado faz ela corresponder um

direito «racional» naturalizado. O que isto imediatamente significa é que a economia política da vida moderna se define por um cálculo racional de riscos e de benefícios no qual o «medo» é disposto como o fundamento prático e a garantia especulativa do «direito». Mais: a *naturalização* do direito à conservação da vida só pode ter como corolário o aumento do *medo* da morte violenta e a conseqüente existência de um «direito» que deve modernamente apresentar-se – e justificar-se – como uma *segurança – mítica*, e, portanto, *sagrada* – contra o medo. Foi neste ponto que Thomas Hobbes nos colocou e do qual ainda hoje permanecemos cativos: a política concebida como *fábrica de segurança* e o direito como *apólice universal contra o medo*.

**A biopolítica como sintoma do arcaico** por José Bragança de Miranda (CECL / Universidade Nova de Lisboa)

A ideia de biopolítica é proposto por Michel Foucault para conceptualizar um domínio detectado por Marx, mas por este deixado em suspenso. Trata-se da «vida», qualquer coisa que se jogaria entre o jurídico-político (Estado) e a economia política (o trabalho). Foucault visa-o directamente através de uma série de estudos sobre a prisão, a família ou a clínica, etc. – o famoso «arquipélago» institucional –, servindo a «biopolítica» para apreender o que há de comum em estratégias tão diversas, mas finalmente convergentes. Nesta comunicação procede-se a uma crítica desta concepção, mostrando que o biopolítico é um sintoma do retorno de algo bem mais arcaico e que atravessa subterraneamente toda a cultura desde os seus primórdios e que pode ser descrito como a «energologia» ocidental (a acumulação e o uso de energia animais e humanas de acordo como uma série de «formas» ou tipos). Estamos a assistir à crise desse modelo e à correspondente instauração de uma «extaseologia» geral (a economia geral dos «prazeres» e dos «terro-

res»). Defender-se-á a necessidade de retrair política e artisticamente o programa arcaico, dado o manifesto esgotamento por que está a passar.

**O nacional-socialismo e a política sobre a vida** por Alexandre Franco de Sá (Universidade de Coimbra)

Autores como Michel Foucault ou Giorgio Agamben propõem-nos uma leitura do fenómeno nacional-socialista como uma experiência política resultante de a vida se constituir como o objecto de uma hipersoberania, tornando-se puramente exposta a um poder que torna indiferente a vida e a morte. A presente comunicação pretende abordar o fenómeno nacional-socialista a partir não do objecto do poder mas do seu sujeito, problematizando a possibilidade da caracterização de um tal sujeito a partir do conceito de soberania.

**Figuras contemporâneas do biopoder** por José Caselas (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Trata-se de analisar algumas formas de biocontrolo implicadas no governo de si e dos outros, que derivam da aplicação da medicina e da biologia à gestão das populações e à economia. Que modalidades éticas se constituem nestas formas emergentes de vida? Que tipo de subjectividade, que jogos de linguagem daí resultam? Importa problematizar a questão da liberdade e do determinismo nestas tecnologias biomédicas.

**Autópsia in vivo** por André Dias (Doutorando Universidade Nova de Lisboa)

Pode a biopolítica ser pensada como «autópsia geral in vivo do mundo»? Ensaíamos esta hipótese, ela própria paradoxal, como mera ilustração da expressão cinematográfica do pensamento no documentário *Primate* de Frederick Wiseman,

SEX 14, SÁB 15 DE MARÇO 2008 PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2

uma das «figuras da autópsia» que definem a biopolítica no cinema contemporâneo. Abordaremos, neste contexto, os problemas da relação ao animal, da insuficiência da compaixão, das invisibilidades necessárias, bem como, numa perspectiva mais cinematográfica, do esvaziamento do ponto de vista, da proximidade não enfática, procurando sugerir uma crítica da lógica paradoxal em prol de uma «ambiguidade livre» e o vislumbre de um horizonte biopolítico centrado na «produção da natureza».

SEXTA 14 · 15H00 · SALA 2

## PROGRAMA CONCRETUDES DO PODER

**A mais-valia do poder e a avaliação**  
por José Gil (Universidade Nova de Lisboa)

A partir das noções de bio-poder e biopolítica tal como Foucault as definiu e Toni Negri as retomou, procurou-se mostrar a pertinência da noção de «mais-valia de bio-poder». Procurou-se com estas noções caracterizar a natureza da «governança Sócrates» e descrever um dispositivo essencial das tecnologias biopolíticas dessa governação: a avaliação.

**Modelos evolutivos e ideologia**  
por António Bracinha Vieira

Desde as primeiras teorizações transformistas, e depois evolucionistas, da origem das espécies e das formas vivas, que as ideologias políticas, económicas e religiosas nelas têm procurado caução para os seus desígnios, como se lhes proporcionassem uma justificação dos objectivos ideológicos baseada em tendências inarredáveis inerentes à própria natureza. Por isso se tem assistido, nos últimos dois séculos de História, a apropriações e manipulações sistemáticas dos modelos evolucionistas por parte das diversas tendências do Poder que sucessivamente têm entrado em cena.

**Criticar Negri, ignorar Foucault, tomar o poder** por José Neves  
(ICS / Universidade de Lisboa)

A reflexão de Foucault sobre biopolítica é um elemento principal no pensamento de Negri nos últimos anos, momento em que a sua obra volta a suscitar as mais diversas críticas. Entre estas, encontramos a crítica de teóricos que se reclamam das tradições comunistas dominantes. Estes, contudo, têm criticado Negri sem se interessarem pela relação que o *Império* de Negri estabelece com a biopolítica de Foucault. À procura do que se joga neste desinteresse, esta comunicação debruçar-se-á sobre a história do comunismo no século XX.

**A luta sem futuro de revolução**  
por Eduardo Pellejero (Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa)

Substituir as relações de produção pelo agenciamento da vida – como dimensão constituinte das formações de poder –, não implica uma mudança no quadro conceptual da análise sem implicar ao mesmo tempo uma profunda renovação das questões que contornam a prática militante. A partir da obra de Deleuze e Guattari, procuramos explorar o sentido de uma fidelidade ao marxismo que, reformulando os seus objectos e os seus instrumentos, pretende acolher a imponderabilidade de novos saberes, de novas técnicas, de novos dados políticos.

**O inconsciente biopolítico do arquivo audiovisual** por Susana Duarte (ESAD Caldas da Rainha)

Uma incursão na obra do cineasta alemão Harun Farocki, a partir do que a aproxima do pensamento do filósofo Michel Foucault: não só o interesse pelas sociedades disciplinares e pela passagem às sociedades de controlo (trazendo à superfície os traços simultaneamente não visíveis, mas não escondidos, que permitem evidenciar a ordem biopolítica que nos governa hoje), mas também uma escrita cinematográfica indissociável de uma análise arqueológica

dos discursos e das imagens na sua materialidade e mediatização.

SEXTA 14 · 18H30 · PEQ. AUDITÓRIO

## MITOLOGIA DA SEGURANÇA Por Andrea Cavalletti

A fórmula de Hobbes «fora do Estado nenhuma segurança» exprime o paradoxo da política moderna. Ela define o perigo a partir do Estado (como o “seu” próprio fora) e, ao mesmo tempo, o Estado a partir do perigo. A fórmula torna assim desde logo evidente como o dispositivo estatal não pode nem deve anular alguma vez o risco, mas antes evidenciá-lo, procurá-lo continuamente e, não o encontrando, inventá-lo. É precisamente esta impossibilidade constitutiva que torna o Estado moderno capaz de tudo.

Andrea Cavalletti ensina Estética e Literatura Italiana na Universidade Iuav de Veneza. Ocupou-se, entre outros, de Warburg, Benjamin, Bialik, de filosofia política, e da ciência do mito, com a edição da obra de Furio Jesi. Publicou, para além de vários ensaios, o livro *La città biopolitica* (Mondadori, Milão, 2005).

SEX 14, SÁB 15 DE MARÇO 2008 PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2